

Uma leitura do cotidiano escolar com Michel de Certeau

Marília Claret Geraes Duran¹

Resumo: O artigo tem por objetivo apresentar aspectos da obra de Michel de Certeau e suas contribuições para os estudos e pesquisas em educação. Apresenta e discute os conceitos de política, estratégias e táticas e cotidiano escolar, para estimular o debate e pensar em práticas, criações e artes na escola.

Palavras Chave: Michel de Certeau; práticas cotidianas; estratégias e táticas.

Abstract: This article intends to offer some remarks on Michel de Certeau's ideas and their contributions to studies and researches in education. Presents and discusses the concepts of policy, strategy / tactics, and everyday life in school in order to stimulate debates and thinking of practices, creations and arts in school.

Keywords: Michel de Certeau, everyday practices, strategies and tactics.

Temos um modo de “ver” dominante no mundo moderno: um olhar distante, “neutro” que nos ensinaram/ aprendemos a olhar... (Michel de Certeau)

Introdução

O contato com os escritos de Michel de Certeau, em 1995, quando da publicação, em português, dos seus livros “A cultura do plural” e “Invenções do cotidiano” representou um ponto de inflexão em minha formação como pesquisadora. Uma leitura quase solitária de um autor difícil, um jesuíta que participou da revolta estudantil de 1968, na França, movimento que, segundo Quadros (2002), não ficou restrito ao político, mas teve consequências culturais profundas, com uma crítica radical ao sistema educacional e à ineficácia das instituições sociais.

A leitura de seus livros² e das apresentações de Luce Giard – sua principal colaboradora – foi fundamental para que eu pudesse considerar outros modos de pensar a escola e o cotidiano escolar, valorizando as contribuições de Certeau para a pesquisa e para a Educação. Retomo aqui, em síntese, três cenários que chamaram minha atenção, naquele primeiro momento de aproximação com a obra desse autor, caracterizada por uma

1 Doutora em Educação pela PUCSP. Docente pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da UMESP.

2 Editados no Brasil pela Editora Vozes (Petrópolis): A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer e 2. Morar e cozinhar (1994); pela Papyrus editora (Campinas): A cultura no plural (1995); pela Editora Forense-Universitária (Rio de Janeiro): A escrita da História (1982). Ver referências bibliográficas.

“inclassificável e profunda humanidade, uma densidade poética onde se reconhece [...] um permanente contraponto entre o rigor de sua escritura e a riqueza das metáforas que o animam” (1994, p.31).

Um primeiro cenário refere-se à sua convicção ética e política, alimentada por uma sensibilidade estética que justamente lhe dá possibilidades de ver diferenças onde outros veem obediência e uniformização. Os escritos de Certeau mostram uma inversão na perspectiva de como o cotidiano tem sido analisado, porque deslocam a atenção “do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos, para a criação anônima, nascida da prática, do desvio no uso desses produtos” (Giard, L., In: Certeau, M., 1994, p.17). O que chamou particularmente minha atenção na obra desse autor, desde a primeira leitura, no contexto dos meus estudos para o doutorado, em 1995, foi justamente essa inversão de perspectiva com que fundamentou sua *Invenção do cotidiano*, tornando visíveis as resistências do homem comum, resistências que fundam micro liberdades e deslocam as fronteiras de dominação.

Um segundo cenário, o seu compromisso em narrar “práticas comuns”, as artes de fazer dos praticantes, as operações astuciosas e clandestinas, que se evidenciam na sua capacidade de se maravilhar e confiar na inteligência e na inventividade do mais fraco, por uma convicção ética e política que é também alimentada pela sensibilidade estética.

O terceiro aspecto a destacar: seu rigor conceitual e a crítica exigente que têm como fontes uma reflexão sobre a história, sua formação filosófica e o interesse pela epistemologia. Rigor e reflexão que o levam a dedicar sua obra ao “homem ordinário”, ao “herói comum”, herói anônimo que é o “murmúrio das sociedades”. Referindo a linguagem, “na linguagem ordinária”, apreendendo-a como conjunto de práticas, ele muda o lugar da análise, definido agora por uma universalidade que é identicamente uma obediência ao uso ordinário. Para De Certeau, a linguagem ordinária é o lugar comum para movimentos estratégicos e táticos (1990, p.13), como comenta Josgrilberg (2004, p.17):

As narrativas disciplinadoras passam a ser vulneráveis, já que o significado está ligado ao uso que o receptor faz da linguagem. É a partir desse pressuposto que se deve entender a famosa metáfora do indivíduo, [...] sentado no topo do World Trade Centre, em Nova York, e a dinâmica dos transeuntes ao nível da rua (Certeau, 1990, p. 139). A cidade é o lugar comum. Como cada um a entende ou a utiliza depende de situações contingenciais. O fato de estar no topo de um edifício não invalida sua posição. Ela é uma entre outras. O estar no topo (panoticismo), no entanto, pode não ser a melhor posição para descrever a dinâmica social da cidade, embora possa representar a posição mais poderosa. O problema surge quando outros usos da cidade são ignorados.[...] De Certeau, quando apresenta essa metáfora, está preocupado justamente em chamar a atenção para os transeuntes - a análise sobre o indivíduo no topo do prédio ele deixa para Michel Foucault.

Retomar leituras de Michel de Certeau, reler escritos anteriores, significou um movimento de retomar as análises sobre a vida cotidiana, de reler pesquisas sobre o cotidiano, de retomar discussões sobre as astúcias dos consumidores e refazer o movimento que encaminha para uma aproximação aos conceitos “estratégias” e “táticas”, nos espaços desse autor.

Estratégias e táticas

O conceito de estratégias refere-se a uma ação que supõe a existência de um lugar próprio, “como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade” (1990, p.99). Já a ideia de tática leva à interioridade, visto que, em relação às estratégias, ele define *táticas* como:

a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha.

A distinção entre os dois conceitos reside principalmente no tipo de operação que se pode efetuar. As estratégias postulam um “lugar”, um “próprio”, “um lugar do poder e do querer próprio”, de onde se podem “gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças – os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.” (1994, p.99). Em síntese, as estratégias são capazes de produzir e impor. Já as táticas só permitem utilizar, manipular e alterar algo. Como sistematiza Josgrilberg (2005), espaço e lugar não são termos opostos, mas dois aspectos de um único tema, extremamente complexo: a organização dinâmica de uma sociedade!

Espaços e lugares: o espaço como um lugar praticado

Certeau estabelece uma distinção entre espaço e lugar para indicar um “lugar próprio” e delimitar um campo. Diz ele que “Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (1995, p. 201). Um lugar indica uma configuração instantânea de posições e representa uma vitória sobre o tempo – que é uma configuração instantânea de posições. E *o espaço é um lugar praticado*. Exemplifica: a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (p.202).

A estátua de Carlos Drummond de Andrade, localizada no passeio do Leblon, no Rio de Janeiro, por exemplo, é sempre transformada pelos passantes, que parecem conversar com ela. Na verdade, é muito comum pessoas sentarem ao seu lado, relacionando-se com a estátua, tirando fotos, acariciando-a, depredando-a! A estátua de Drummond foi restaurada várias vezes. Muitos passantes sentam-se com ele no banco de pedra, choram, ou riem, ou brincam, ou conversam e estabelecem relações com o poeta. E tiram fotos da maneira como acham que deveriam tirar as fotos, sentados ou em pé, ao lado dela, mais próximos, mais distantes. Ou seja, a estátua de Drummond, instalada em um banco do Leblon, é sempre transformada em espaço pelos pedestres.

Será possível estabelecer analogias entre os acontecimentos relacionados à estátua de Drummond, na relação espaço/lugar e na relação estratégias/táticas, numa perspectiva certauniana, e uma discussão a respeito do currículo da escola e de processos de construção desse currículo? Isto porque, para alguns, o currículo se configura como uma construção estática, perene, como parece ser à primeira vista, a

estátua de Carlos Drummond. Contudo, há uma relação dos transeuntes com a estátua, um movimento, e a estátua parece ser amada por uns e odiada por outros; a estátua é apedrejada e acariciada, respeitada e incompreendida. E o currículo da escola?

Uma análise interessante, formulada por Josgrilberg (2005) – interlocutor crítico de Certeau – contribui com a análise, quando afirma que as táticas somente podem operar a partir de um lugar. Comenta, a partir de sua leitura de Certeau:

Os espaços abertos pelas táticas são, na verdade, a prática de um lugar, um lugar submetido à organização dinâmica e complexa. As táticas não podem ser pensadas sem um lugar, da mesma forma que a fala não pode ser pensada sem língua, ou enunciado sem enunciação. O objetivo da crítica de Certeau é um tipo de lugar onde há dissociações, realizadas por operações técnicas, que não leva em consideração as outras práticas que organizam a sociedade (p.71).

O currículo não pode ser pensado como uma ‘coisa’, como um programa ou curso de estudos e, sim, como um ambiente simbólico, material e humano que é constantemente reconstruído – envolve aspectos técnicos, estéticos, éticos e políticos – respondendo tanto ao nível individual/pessoal como social. Ou seja, envolve compromissos relacionados ao discurso político e ideológico, às políticas de Estado, ao conhecimento que é ensinado nas escolas, às atividades diárias de professores e estudantes nas salas de aula e, de como entendemos tudo isso. Nesse sentido, não são compromissos que se dão entre ou no meio de iguais!

O currículo não é alguma coisa que se traduz num movimento estático, e sim dinâmico: entre estratégias e táticas; entre espaço e lugar – a vida é dinâmica; a vida da escola é dinâmica. Há uma relação do coletivo da escola com o currículo, um movimento, e o currículo parece ser amado por uns e odiado por outros; o currículo é ignorado e respeitado, problematizado e incompreendido. Então, pensar no currículo da escola significa pensar um currículo que se reorganiza cotidianamente, que se faz e refaz, entre estratégias e táticas cotidianas, e que se reconstrói a cada dia, a cada momento, considerando o conjunto de educadores que se apropriam dele. O currículo da/na escola tem uma representação oficial, mas também se apresenta em sua materialização cotidiana de cada escola, num movimento das táticas, “lance por lance” (Certeau, 1994, p.100).

E a escrita? Certeau pergunta “o que é escrever?”

Certeau designa por escritura “a atividade concreta que consiste em construir um texto, sobre um espaço próprio, a página, e que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado” (1994, p.225). Aponta para três elementos decisivos, nesse primeiro nível, que considera como “nível elementar”.

O primeiro elemento é a página em branco, ou seja, “um espaço próprio” a espera da produção de um sujeito. “Gesto cartesiano de um corte instaurador, com um *lugar* de escritura, do domínio (e isolamento) de um sujeito diante de um *objeto*”. O que fazer diante de uma página em branco? Como gerir esse espaço? Onde executá-lo?

O segundo momento é *construir um texto!* Ou seja, “na página em branco, uma prática itinerante, progressiva e regulamentada – uma caminhada!” E escreve-se num não lugar, a folha de papel. E o terceiro elemento: “A ilha da página é um local

de passagem onde se opera uma inversão industrial: o que entra nela é um recebido, e o que sai dela é um produto” (p.226).

Constroí-se um texto, sobre o “não-lugar” da folha de papel. Então, “escrever é produzir o texto”. Ler é recebê-lo de outrem, sem marcar o seu lugar, sem refazê-lo, e revela uma passividade frente ao texto. “É um efeito (uma construção) do leitor” e, nesse sentido, a operação do leitor pode ser considerada como uma produção própria – ele não toma o lugar do autor! Já observava Marguerite Duras: “Talvez se leia sempre no escuro... A leitura depende da escuridão da noite. Mesmo que se leia em pleno dia, fora, faz-se noite em redor do livro” (cit. por Certeau, p. 269)...

Considerações Finais

Michel de Certeau nos convida e nos desafia!

Ocupando-se em evidenciar, nas pesquisas do cotidiano, as “astúcias dos consumidores”, as “criações anônimas”, o rumor da vida coletiva, a realidade de poderes e de instituições, “micro resistências que fundam micro liberdades”, De Certeau nos convida a mudar o foco, a inverter o modo de interpretar as práticas culturais contemporâneas, recuperando o que chama “astúcias anônimas das artes de fazer” – esta arte de viver a sociedade de consumo. Com sua teoria das práticas cotidianas, chama a atenção para as táticas (usar, caminhar, ler,...) que compõem uma arte – “a arte do fraco”, a arte que é a teoria das táticas e suas práticas de dizer, e que operam dentro do lugar (cf. Josgrilberg, F. 2005, p.75).

A grande contribuição das pesquisas de Certeau se expressa no sentido de evidenciar que “escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície” e que, nesse conjunto, Michel de Certeau se ocupou das astúcias dos consumidores, rompendo com todas as formas de uniformização e obediência, interessando-se pelas maneiras de “marcar socialmente” práticas cotidianas. Como lembra Certeau, “o estudo de algumas táticas cotidianas não deve, no entanto, esquecer o horizonte de onde vêm e, no outro extremo, nem o horizonte para onde poderiam ir” (1994, p.105). A tática é a arte do fraco, sem lugar próprio, comandada pela ausência de um poder e considerá-la na pesquisa do cotidiano significa inscrever-se na viagem de uma maneira de ver as coisas, para outra. Este o desafio que De Certeau nos faz: captar as artes de fazer – um caminho de investigação pela sondagem das “vias da lucidez e da ação”.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *A cultura no plural*. Trad. Enid Abreu Dobránszky – Campinas: Papirus, 1995. – Coleção Travessia do século.

DURAN, Marília Claret Geraes. Ensaio sobre a contribuição de Michel de Certeau à pesquisa em formação de professores e trabalho docente. *Educação & Linguagem*. Ano 10. N.15, p. 18-42, jan.-jun. 2007.

GIARD, Luce. História de uma pesquisa. IN: CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.(p.09-32).

JOSGRILBERG, Fabio B. *Cotidiano e invenção*: os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

_____. Michel de Certeau e mídia: táticas subvertendo lugares ou lugares organizando táticas? *Comunicação & Sociedade*. 2004 (p.14-21).

QUADROS, Eduardo Gusmão de. *A experiência vivida*: uma introdução a história religiosa de Michel de Certeau. (mimeo)

SILVA, Tomás T. *Documentos de Identidade*: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

SOUSA FILHO, Alípio de. *Michel de Certeau*: fundamentos de uma sociologia do cotidiano. (mimeo).

Recebido para publicação em 17-11-11; aceito em 06-12-11